

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

CAUÊ SOARES

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO BERÇÁRIO: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO
EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Porto Alegre

2016

CAUÊ DE ALMEIDA SOARES

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO BERÇÁRIO: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO
EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação física, pela Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Drª Lisiane Torres

Porto Alegre

2016

CAUÊ DE ALMEIDA SOARES

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO BERÇÁRIO: DESAFIOS E APRENDIZADOS NO
EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação física, pela Escola de Educação física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profª Drª Lisiane Torres

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Nome do professor

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Dedico este projeto aos meus amigos e familiares
que me deram força e coragem nesta trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que me deu total apoio na escolha da profissão que tanto amo, estando do meu lado em todo o período da graduação me auxiliando nas dificuldades e celebrando comigo cada conquista. Agradeço também a toda equipe da Creche Vera Fabrício Carvalho do Hospital de Clínica de Porto Alegre, que me acolheu de braços abertos me dando suporte a cada projeto realizado e enriquecendo minha aprendizagem nesses 2 anos de estágio. Agradeço especialmente a minha orientadora Prof^a Dr^a Lisiane Torres que me acompanhou em todo o período de estágio, sanando minhas dúvidas, me auxiliando na construção deste trabalho e me chamando a atenção nos momentos certos. E por último, mas não menos importante, agradeço a todos os meus amigos e colegas que caminharam comigo durante a graduação compartilhando conhecimento e proporcionando as melhores lembranças dentro da faculdade, principalmente meus colegas da Associação Atlética Acadêmica do Campus Olímpico, que me deram a oportunidade de viver as melhores experiências durante a graduação, na criação desse projeto.

“Cada dia é uma chance para ser melhor que ontem, o sol mostra isso quando cruza o horizonte.”

(EMICIDA)

Educação física no berçário: desafios e aprendizados no exercício da docência

Cauê Soares

Orientadora: Prof^a Dr^a Lisiane Torres

RESUMO

O processo formativo da Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança contempla algumas disciplinas que abordam o desenvolvimento de bebês e fornecem subsídios iniciais para o planejamento de intervenções com crianças de Educação Infantil. O estágio obrigatório neste nível de ensino, entretanto, não possibilita o exercício da docência com turmas do berçário. Sendo assim, o objetivo deste estudo é relatar a experiência docente com Educação Física em uma turma de berçário da Creche Vera Fabrício Carvalho, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, realizada através de Estágio Curricular Não Obrigatório. Este trabalho configura-se como um relato de experiência realizada no período de abril a novembro de 2016, como parte da carga horária do Estágio Curricular Não Obrigatório. As intervenções pedagógicas no Berçário eram realizadas com a duração de 30 minutos, em dois dias da semana. Para as avaliações foram utilizados diários de campo onde, semanalmente, registrava os principais acontecimentos observados na intervenção pedagógica com os bebês. A partir da análise desses diários foram organizadas três categorias para apresentação das situações vivenciadas: a vinculação com os bebês, a comunicação não verbal e o diálogo com as famílias. Como conclusão vê-se que o estabelecimento de vínculos com os bebês é fundamental para que a intervenção pedagógica aconteça, sendo esse um dos principais desafios da docência. Os bebês comunicam-se de diversas formas, além do choro e dos sorrisos, as expressões faciais e corporais são um indicativo claro dos sentimentos dos bebês frente às atividades propostas e sua disposição de interagir com o professor e com os materiais disponibilizados. O diálogo com as famílias é essencial para compreender o contexto familiar da criança e organizar o planejamento da intervenção a ser realizada com o intuito de desafiar a criança a desenvolver suas potencialidades.

ABSTRACT

The training process of the Degree in Physical Education of the School of Physical Education, Physiotherapy and Dance contemplates some disciplines that approach the development of babies and provide initial subsidies for the planning of interventions with children of Early Childhood Education. The compulsory internship at this level of education, however, does not make it possible to practice teaching with nursery classes. Therefore, the objective of this study is to report the teaching experience with Physical Education in a nursery class of the Creche Vera Fabrício Carvalho, of the Hospital de clínicas of the Porto Alegre, through a Non-compulsory curricular internship. This work is configured as an experience report from April to November 2016, as part of the non-compulsory Curricular Internship. Pedagogical interventions in the nursery were held for 30 minutes, two days a week. For the evaluations, field diaries were used where, weekly, it recorded the main events observed in the pedagogical intervention with the babies. From the analysis of these diaries, three categories were organized to present the situations experienced: the relationship with the babies, the non-verbal communication and the dialogue with the families. As a conclusion it is seen that the establishment of bonds with the babies is fundamental for the pedagogical intervention to happen, being one of the main challenges of teaching. Babies communicate in a variety of ways, in addition to crying and smiles, facial and body expressions are a clear indication of the infants feelings about proposed activities and their willingness to interact with the teacher and the materials available. The dialogue with the families is essential to understand the family context of the child and to organize the planning of the intervention to be carried out in order to challenge the child to develop his potentialities

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA	11
2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA BEBÊS	18
3. METODOLOGIA.....	22
4. A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO BERÇÁRIO	23
4.1 TEMÁTICAS DO PLANEJAMENTO	23
4.2 A VINCULAÇÃO COM OS BEBÊS.....	25
4.3 A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL.....	27
4.4 DIÁLOGO COM AS FAMÍLIAS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

O processo formativo da Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança contempla algumas disciplinas que abordam o desenvolvimento de bebês e fornecem subsídios iniciais para o planejamento de intervenções com crianças de Educação Infantil. O estágio obrigatório neste nível de ensino, entretanto, não possibilita o exercício da docência com turmas de berçário. Porém, ao assumir um estágio não-obrigatório na creche Vera Fabrício Carvalho, do hospital de Clínicas de Porto Alegre, recebi a incumbência de realizar intervenções na turma do Berçário. Foi então que me deparei com a necessidade de compreender melhor o desenvolvimento dos bebês para conseguir realizar um planejamento de ensino mais adequado.

Estudos envolvendo crianças de Educação Infantil nas áreas da Pedagogia e Educação Física são recentes e restritos. Delgado e Martins Filho (2013) afirmam que, apesar de nas duas últimas décadas houve um crescimento das investigações no campo da educação das infâncias, as crianças de zero a três anos continuam às margens das pesquisas.

É importante ressaltar que, a partir de 1990, a Sociologia da Infância inaugura um olhar diferenciado para a criança: o enfoque deixa de ser realizado na perspectiva daquilo que falta, do que ainda não está desenvolvido, de preparação para a vida adulta (perspectiva dominante até então) e se reconhece a criança enquanto um ser ativo, que elabora constantemente hipóteses e constrói lógica de pensamento – que difere daquelas do adulto. É preciso que o adulto procure compreender o que as crianças já sabem.

Movimentos sociais e feministas, no Brasil, nas décadas de 70 e 80, conquistaram a possibilidade da educação de bebês em instituições educativas. Seu reconhecimento, entretanto, enquanto sujeitos ativos, ainda não é preponderante e é necessário reconhecer a relevância dessa fase do desenvolvimento humano. Nas palavras de Nörnberg (2013, p.103):

“O berço e o berçário não são lugares transitórios ou que permitem o trânsito para outro momento, muitas vezes entendido como de maior valor, como, por

exemplo, o primeiro ano do Ensino Fundamental, ou, ainda, o de ser visto como 'futuro da nação'. Os espaços do berço ao berçário são (auto)constitutivos do ser bebê. “

Mas como planejar e desenvolver uma prática da Educação Física no berçário que atenda às necessidades dos bebês e estimule adequadamente seu desenvolvimento? Esta foi a questão que motivou o desenvolvimento deste trabalho.

Este trabalho, portanto, é o registro da minha caminhada no desenvolvimento das minhas intervenções pedagógicas com os bebês. Na revisão de literatura, apresento algumas ideias principais relativas ao desenvolvimento dos bebês que nortearam meu planejamento, bem como alguns estudos que analisaram os efeitos de programas de intervenção no desenvolvimento dos bebês. No capítulo “ A Experiência Docente no Berçário” apresento o planejamento realizado e as categorias de análise elencadas referentes ao exercício dessa docência a partir das reflexões registradas nos meus diários de cada aula ministrada. Nas Considerações Finais apresento os aspectos mais relevantes dessa trajetória docente.

Tendo em vista que relatos de intervenção pedagógica com bebês, na área da Educação Física, ainda são escassos, pretendo com esse trabalho incentivar a reflexão e discussão dessa possibilidade de atuação dos estudantes de Educação Física em seu processo de formação inicial.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo apresento uma revisão de literatura sobre o desenvolvimento motor de bebês e resultados de alguns estudos realizados com esta população.

2.1 DESENVOLVIMENTO MOTOR DOS BEBÊS

A partir do nascimento, dois princípios são levados em conta para o desenvolvimento físico dos bebês, o princípio cefalocaudal, que se refere ao desenvolvimento da parte superior do corpo para a inferior e o princípio próximo-distal, no qual o desenvolvimento ocorre do centro do corpo para as extremidades.

(PAPALIA E FELDMAN, 2013). Através destes princípios é possível notar que a dificuldade do bebê em manter o equilíbrio é devido ao tamanho de sua cabeça, pois ela é relativamente grande por ter se desenvolvido antes.

Segundo Papalia e Feldman (2013) o desenvolvimento sensorial e motor seguem o mesmos princípios, os bebês aprendem a usar as partes superiores do corpo antes das inferiores, assim como a criança desenvolve a habilidade para usar a parte proximal dos braços e das pernas e em seguida os membros mais periféricos, como as mãos e os pés.

Gallahue e Ozmun (2005) apontam que o processo de crescimento nos primeiros dois anos, após o nascimento, é verdadeiramente espantoso, o bebê progride de um ser horizontal e relativamente sedentário para uma criança maior, autônoma, vertical e ativa. O recém nascido apresenta, no primeiro ano de vida, grandes ganhos de peso e comprimento, relacionando com um processo de “preenchimento”, com somente leves alterações nas proporções do corpo (GALLAHUE E OZMUN, 2005).

O sistema nervoso central é responsável por inúmeras funções do desenvolvimento humano, nos bebês o cérebro é mais “flexível”, ou seja, está mais suscetível a mudanças, e esta flexibilidade diminui durante todo o ciclo da vida, por isso a estimulação é essencial para o recém nascido, dando melhores condições de desenvolvimento no período em que o bebê se encontra mais suscetível a novas aprendizagens.

Para Papalia e Feldman (2005) o crescimento do cérebro é um processo que dura a vida toda e que é fundamental para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional. Para Gabbard (1998), de todos os sistemas do corpo humano, o sistema nervoso é o mais importante, e de tudo o que fazemos conscientemente ou inconscientemente, voluntariamente ou através de um reflexo, tem seu início no sistema nervoso central. O crescimento e o desenvolvimento motor são dependentes da eficiente funcionalidade deste sistema.

O sistema nervoso central também é responsável por controlar os movimentos reflexos iniciais. os mesmos são definidos como movimentos involuntários provocados por estímulos sensoriais, como luz, som, toque, ou

posição corporal, (GABBARD, 1998). Muitos desses reflexos estão relacionados a sobrevivência do infantil definidos como reflexos primitivos de sobrevivência, enquanto outros antecedem movimentos voluntários e aparecem geralmente a partir do 9º ao 15º mês após o nascimento caracterizados por reflexos primitivos posturais (GALAHUE e OZMUN, 2005).

Payne e Isaac (1999) afirmam que durante as últimas 4 semanas pré-natal e os primeiros 4 meses após o nascimento o repertório de movimentos do bebê são compostos principalmente por reflexos, realizados em repostas a estímulos externos. É importante enfatizar que muitos reflexos duram somente até o final da primeira infância como os de sobrevivência, e outros duram a vida inteira, como por exemplo o reflexo patelar. Esses reflexos primitivos auxiliam nos movimentos iniciais do ser humano, pois ao nascer, possuímos poucas capacidades voluntárias e mobilidade limitada (PAYNE e ISAAC, 1999).

As funções principais desses reflexos de sobrevivência, segundo Galahue e Ozmun, (2005), são a busca de alimentação e proteção, já os reflexos posturais podem estar ligados com movimentos voluntários que a criança terá futuramente, como caminhar e engatinhar.

Os estímulos que desencadeiam esses movimentos reflexos, são identificados na literatura de Papalia e Feldman (2013), como um processo de aprendizagem que provoca um sentido de habituação e desabituação, onde a habituação seria um tipo de aprendizagem que ocorre uma exposição repetida ou familiarização ao estímulo gerando a perda de interesse, como por exemplo, quando o bebê para de olhar um objeto novo, pois já está habituado. Enquanto a desabituação seria quando uma nova imagem, som ou objeto chama a atenção do bebê, fazendo com que ele pare o que está fazendo para focar nesse novo estímulo. Essa adaptação a novos estímulos ocorre de uma maneira rápida e está totalmente relacionada a um acelerado desenvolvimento cognitivo.

Tal velocidade de adaptação e desenvolvimento cognitivo na infância está associada ao processo de mielinização. Haywood e Getchell (2010) justificam que o rápido crescimento inicial do cérebro após o nascimento, se dá pelo tamanho dos neurônios, pela ramificação dos mesmos e pelo aumento das células de mielina, ocorrendo o processo de mielinização, onde as células de mielina do sistema

nervoso, que contribuem para acelerar a condução dos impulsos nervosos, permitem que os sinais se propaguem mais rapidamente e com mais fluidez aumentando a frequência de disparos, elevando a velocidade da ativação muscular, auxiliando em movimentos rápidos e nas repostas posturais. Sendo um processo rápido e suscetível a fatores extrínsecos, sendo a estimulação precoce um dos principais fatores externos que colaboram com esse processo.

A partir deste processo o cérebro se torna mais “plástico”, possuindo uma maior janela de oportunidade, ou seja, um período onde o bebê aprende tudo mais facilmente, através da plasticidade cerebral, que seria, segundo Papalia e Feldman (2013) um termo técnico para a maleabilidade ou modificabilidade do cérebro, sendo um mecanismo evolucionista possibilitando as adaptações ao ambiente.

Os bebês se adaptam facilmente ao ambiente em que vivem, ninguém precisa ensiná-los as habilidades motoras básicas, necessitam somente de um espaço para se movimentar com liberdade para explorar o que podem fazer. (PAPALIA e FELDMAN, 2013). Esse processo de desenvolvimento pode ser caracterizado por marcos, ou seja, realizações que se desenvolvem sistematicamente, cada habilidade adquirida prepara o bebê para a próxima, começando das habilidades mais simples para as mais complexas. (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

É possível caracterizar o desenvolvimento motor como uma contínua alteração do comportamento humano ao longo de todo o ciclo da vida, tendo como principais pontos intervenientes deste processo, o ambiente, a tarefa e o indivíduo biológico (GALAHUE e OZMUN, 2003).

Papalia e Feldman (2013) ressaltam a importância da percepção sensorial, afirmando que a mesma permite aos bebês aprenderem sobre si próprios e o seu ambiente. A experiência motora, juntamente com a percepção corporal, molda e modifica a compreensão perceptual do que provavelmente acontecerá se os bebês se movimentarem de determinada maneira.

O desenvolvimento, mesmo com escalas e parâmetros de faixas etárias, deve ser visto como um fator individual, onde cada ser humano possui seu próprio tempo para adquirir suas habilidades.

Payne e Issac (2007) definem o desenvolvimento motor como um estudo das mudanças que ocorrem no comportamento motor humano durante as fases da vida, os processos que servem de base para essas mudanças e os fatores que afetam.

Para Gabbard, (1998) o desenvolvimento motor é tanto um processo natural, quanto um estudo do campo científico, é um processo que pode ser visto pelas mudanças no comportamento motor, resultante da interação entre a hereditariedade e do ambiente, voltado para as mudanças biológicas associadas ao comportamento motor (performance).

Papalia e Olds (1981) ressaltam que em um bebê a única atividade que podemos observar é a física, por isso, este deve ser o enfoque do estudo da criança nessa faixa etária, ou seja, não podemos prever e entender os pensamentos e as falas do bebês, entretanto podemos compreender seus gestos motores, até mesmo para avaliação cognitiva do bebê ou para acompanharmos seu desenvolvimento, analisamos suas habilidades motoras. Seguindo nesta linha, mesmo depois do sistema nervoso central, músculos e ossos da criança estarem amadurecidos, possibilitando que a criança possa se mover com liberdade, é essencial a estimulação dessas novas habilidades de modo que gere uma proficiência nesses gestos (PAPALIA E OLDS, 1981).

Unindo as definições dos autores citados podemos afirmar que o desenvolvimento motor é um estudo das mudanças que ocorrem no comportamento motor que leva em consideração crescimento, a hereditariedade, a performance e ao contexto ambiental que o indivíduo está inserido.

A fase inicial da vida é essencial para um adequado desenvolvimento motor, social e cognitivo, principalmente dos 0 aos 2 anos de idade, pois nessa faixa etária a criança apresenta uma maior plasticidade cerebral, tornando-se, assim, suscetível a novas oportunidade de aprendizados através de novas experiências motoras, da interação com o ambiente, seja ele familiar ou escolar, e da sua estrutura corporal (ALMEIDA E VALENTINI, 2009). É neste período do crescimento que devemos ficar atentos ao desenvolvimento motor infantil, eliminando qualquer risco de atrasos motores, pois os mesmos acarretam prejuízos que podem se estender até a fase adulta (WILLRICH et al 2009).

Para que as habilidades básicas sejam aprimoradas com qualidade é necessário que os bebês sejam estimulados precocemente por parte da família e pelos profissionais que interagem com a criança. É preciso ter claro que a estimulação precoce não possui o intuito de interferir no processo natural de amadurecimento da criança, mas sim dar qualidade a esse desenvolvimento, incentivando-a a desenvolver suas potencialidades e procurando minimizar a ocorrência de atrasos motores.

Soejima e Bolsanello (2012), realizaram um estudo onde foram avaliadas 63 crianças (20 do berçário, 20 do maternal I e 23 do maternal 2). As crianças que apresentavam algum tipo de defasagem motora participaram de um programa de intervenção precoce, passando por uma segunda avaliação após o período de intervenção. Os resultados demonstraram que as crianças com defasagem no desenvolvimento e que participaram da estimulação precoce, nivelaram a idade cronológica com a do desenvolvimento esperado. Já as crianças com defasagem que não participaram da intervenção reduziram parcialmente o déficit no desenvolvimento cognitivo, entretanto não reduziram o atraso do desenvolvimento motor. As crianças sem defasagem que não participaram da intervenção, tiveram uma evolução na cognição, porém sofreram um atraso no aspecto motor. Ou seja, a estimulação precoce parece caracterizar-se enquanto ferramenta essencial para o aprimoramento das habilidades motoras e cognitivas.

Dessa forma, defasagens no desenvolvimento infantil podem ser prevenidas, trabalhadas e superadas, através da estimulação precoce, evitando futuras deficiências ou transtornos do desenvolvimento (Soejima e Bolsanello 2012).

Seguindo nesta mesma linha, o estudo de Morcélli e Madureira (2013) tinha como objetivo investigar a maturação do desenvolvimento motor de bebês inseridos em diferentes programas de estimulação, através da Alberta Infant Motor Scale (AIMS), escala internacional de desenvolvimento motor para bebê. Para isso foram analisadas duas escolas da cidade de Santos- São Paulo, uma particular e uma pública. Ao final das análises, considerando os dados coletados das duas escolas como um só grupo, pode-se concluir que 7% da amostra apresentaram os níveis de desenvolvimento motor pleno, 33% apresentaram desenvolvimento motor favorável e 60% apresentaram sinais de riscos para atraso motores. Estes resultados

apontaram uma grande necessidade da intervenção de profissionais de educação física, nesta fase da vida, como fator de diminuição dos atrasos motores que podem perdurar até a vida adulta.

Schilitter et al. (2010) realizaram um estudo com o intuito de investigar se um programa de estimulação precoce com a utilização de uma esteira motorizada em bebês com risco de atrasos motores poderia influenciar na idade da aquisição da marcha e no desenvolvimento motor global. A intervenção contou com 15 bebês divididos em três grupos: o grupo experimental (composto por 5 bebês com risco de atraso motor) recebeu tratamento fisioterápico com intervenção em esteira motorizada duas vezes por semana; o grupo controle (composto por 5 bebês com risco de atraso do desenvolvimento) realizou apenas o tratamento fisioterápico e o grupo controle típico (contendo 5 bebês sem diagnóstico de qualquer risco desenvolvimental) não receberam nenhuma intervenção. As avaliações ocorreram mensalmente através da AIMS. Como resultado o estudo indicou que a intervenção precoce, juntamente com a utilização da esteira motorizada, diminuiu o risco de atrasos no desenvolvimento global, alterou a idade de aquisição de marcha dos bebês com risco de atraso, entre outros fatores motores e cognitivos.

Sendo assim, percebemos que, independente do tipo de intervenção, é possível termos resultados positivos no processo de desenvolvimento e na redução dos riscos de atrasos motores em bebês

Além de uma da intervenção precoce devemos levar em conta que o ambiente de convivência da criança, bem apropriado e utilizado, se torna um fator essencial para o crescimento e amadurecimento da criança.

Ritter et al (2014), afirmam que o desenvolvimento de uma criança, associado à maturação do sistema nervoso central e seu crescimento, está atrelado às experiências vividas no meio ambiente no qual está inserida, o que ocorre especialmente nos primeiros 12 a 18 meses de vida. Ou seja, nesta fase inicial da vida é essencial um ambiente favorável, onde a criança possa desenvolver novas habilidades, contendo acesso as mais diversas oportunidades de aquisições motoras (Anzanello 2010).

Os bebês necessitam de cuidado e estímulos adequados para se desenvolver de forma qualificada. Os lugares mais frequentados nessa faixa etária são, a creche e o ambiente familiar. Sendo assim os pais devem estar aptos a proporcionar um local rico de estímulos e dedicar um tempo da sua rotina para interagir com os bebês com o objetivo de favorecer seu desenvolvimento. A escola infantil, por sua vez, deve possuir profissionais qualificados a aprimorar e explorar as mais diversas habilidades iniciais da criança.

A educação física é um componente curricular presente na Educação Infantil e se mostra como um dos principais meios intervenientes neste processo de estimulação, pois engloba as habilidades motoras, as capacidades físicas, a percepção temporal e espacial, as áreas socioafetivas, senso-percepto-cognitiva, a visomotricidade, entre outras variáveis importantes para o processo de amadurecimento da criança.

2.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA PARA BEBÊS

Para que esse processo de atenção precoce tenha qualidade é essencial que o professor de Educação Física que atua com bebês saiba como ocorre o desenvolvimento humano, quais são as etapas do mesmo e quais aspectos devemos levar em consideração na elaboração de um projeto de intervenção para bebês.

Gallahue e Ozmun (2003) mostram que devemos levar em conta que a sequência de aquisições de habilidades geralmente não variam na primeira infância, contudo o ritmo dessas aquisições diferem de criança para criança. Para avaliarmos essas sequências de habilidades. Os citados autores ressaltam que o bebê deve começar a dominar três categorias básicas de movimento para sobreviver e interagir, de modo efetivo e eficiente com o mundo, são elas: Estabilidade (relação do corpo com a gravidade, a fim de atingir uma postura ereta tanto sentada quanto em pé.); Locomoção (habilidade de se deslocar pelo ambiente) e manipulação (habilidades rudimentares de alcançar, segurar e soltar). O aparecimento dessas três categorias no desenvolvimento dos bebês pode-ser acompanhado no quadro abaixo:

Tarefas de Estabilidade	Habilidades Seleccionadas	Idade de início aproximada
Controle da cabeça e do pescoço	Vira para ambos os lados	1ª semana
	Segura-se com apoio	1º mês
	Desencosta o queixo da superfície de contato	2º mês
	Bom controle em decúbito ventral	3º mês
	Bom controle em decúbito dorsal	5º mês
Controle do tronco	Levanta a cabeça e peito	2º mês
	Tenta virar de braços	3º mês
	Rola com sucesso para ficar de braços	6º mês
	Rola de braços para a posição de decúbito dorsal	8º mês
Sentar	Senta com apoio	3º mês
	Senta com o próprio apoio	6º mês
	Senta sozinho	8º mês
	Fica em pé com apoio	6º mês
Ficar de pé	Apoia-se segurando com as mãos	10º mês
	Puxa-se para ficar em pé com apoio	11º mês
	Fica em pé sozinho	12º mês
Tarefas locomotoras	Habilidades seleccionadas	idade aproximada de início

Movimentos horizontais	Movimentos rápidos das pernas	3º mês
	Arrasta-se	6º mês
	Engatinha	9º mês
	Anda em quatro apoios	11º mês
Andar ereto	Andar com apoio	6º mês
	Anda segurando com as mãos	10º mês
	Anda com orientação	11º mês
	Anda sozinho (mãos para o alto)	12º mês
	Anda sozinho (mãos abaixadas)	13º mês
Tarefas Manipulativas	Habilidades Seleccionadas	Idade aproximada de início
Alcançar	Alcance globular ineficaz	1º ao 3º mês
	Alcance de procura definido	4º mês
	Alcance controlado	6º mês
Pegar	Pegadura reflexiva	Nascimento
	Pegadura voluntária	3º mês
	Pegadura palmar com duas mãos	3º mês
	pegadura palmar com uma mão	5º mês
	pegadura de pinça	9º mês
	pegadura controlada	14º mês

	come sem ajuda	18º mês
Soltar	Soltura Básica	12º ao 14º mês
	Soltura Controlada	18º mês

O quadro nos permite identificar de que forma o desenvolvimento dos bebês modifica o seu gesto motor específico, sejam elas tarefas de estabilidade, locomoção e manipulação. Devemos salientar que nessas etapas de amadurecimento é essencial respeitar o ritmo de do bebê, pois os períodos de desenvolvimento não são padronizados, sendo impossível um certo período começar exatamente quando termina o outro (MAROLDI, 2011).

O desenvolvimento, mesmo estando relacionado a idade ,não é dependente somente dela, e sim de fatores biológicos e ambientais. Maroldi (2011) ressalta que é preciso incentivar as crianças a criarem algo novo, a se expressarem, a exporem suas ideias e desejos, respeitando o seu ritmo de desenvolvimento e de interesse, levando em conta o espaço reservado na escola para que isso aconteça, colocando-as como centro do processo educacional, dando assim qualidade e o suporte necessário a esse amadurecimento. Deste modo o desenvolvimento não pode ser predeterminado, mas sim é adquirido mediante a interação com o meio físico e social que envolve as crianças desde o seu nascimento, portanto o aprimoramento dessas habilidades são resultados da interação entre o programa de maturação e a estimulação social e pessoal que sujeito recebe das pessoas que estão ao seu redor. (Maroldi, 2011)

Através do quadro referente aos períodos de desenvolvimento dos bebês, podemos também construir um plano de intervenção adequado, levando em conta a sequência de desenvolvimento das habilidades, selecionando exercícios e atividades compatíveis com a capacidade motora do bebê. Além de poder criar uma avaliação apropriada identificando se a idade confere com determinada tarefa motora e se o bebê apresenta algum atraso motor. Essa avaliação pode ser realizada pois o movimentar-se e o interagir com o ambiente são as primeiras maneiras com que o bebê se desenvolve cognitivamente, sendo a observação desta

interação a melhor forma de acompanhar o crescimento do mesmo. (GALLAHUE E OZMUN, 2003).

3. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência sobre a prática pedagógica da Educação Física na turma do Berçário da Creche Vera Fabrício Carvalho, do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, realizada no período de abril a novembro de 2016, como parte da carga horária do Estágio Curricular Não Obrigatório.

Em relação as estruturas e espaços de atividades da creche, pode-se caracterizá-las como adequadas para o desenvolvimento das crianças. A instituição é composta por um salão, onde é possível realizar diversas atividades internas, um pátio externo, uma praça ao ar livre com diversos brinquedos, um solário e os espaços das salas de aula que também podem ser utilizados para a realização de atividades. A creche é composta por 30 professoras, possuindo entorno de 160 alunos, desde o berçário até o Jardim B

As intervenções pedagógicas no Berçário eram realizadas com a duração de 30 minutos, em dois dias da semana. No Mês de Abril haviam 06 bebês no Berçário, e, a partir do Mês de Junho, essa turma era composta de 14 crianças.

Construí um Diário de Campo onde, semanalmente, registrava os principais acontecimentos observados na intervenção pedagógica com os bebês. A partir da análise desse diário foram organizadas três categorias para apresentação das situações vivenciadas: a vinculação com os bebês, a comunicação não verbal, o diálogo com as famílias.

3.1 A EXPERIÊNCIA DOCENTE NO BERÇÁRIO

Neste capítulo apresento as temáticas do planejamento realizado e as categorias de análise elencadas referentes ao exercício dessa docência a partir das reflexões registradas nos meus diários de cada aula ministrada.

4.1 TEMÁTICAS DO PLANEJAMENTO

As aulas do berçário foram planejadas utilizando como base quatro áreas do desenvolvimento: Física e Motora, Cognitiva, Sócio-afetiva e da Linguagem. De acordo com Pérez-Ramos et al (1992) é importante levar em conta o processo natural de desenvolvimento da criança, incluindo uma ampla variedade de estímulos que atendam os aspectos de maior relevância do desenvolvimento infantil.

Março/Abril: Para iniciar as aulas escolhi as capacidades senso-perceptivas, pois auxiliam na adaptação e na exploração do ambiente, sendo indispensáveis para desenvolver os outros aspectos do desenvolvimento. Nesta unidade foram desenvolvidas atividades sensoriais (audição, visão tátil, temporal), utilizando-as principalmente como meio de criação de vínculos com os bebês.

Maio/Junho: Tendo em vista uma evolução dos bebês durante os dois primeiros meses, estimulei a preensão e atividades de equilíbrio e controle postural, como sentar sem apoio e ficar em pé. Conteúdos alinhados ao desenvolvimento natural da criança.

Julho/Agosto: Segundo a literatura é por volta dos 10 meses que o bebê inicia a marcha, sendo assim realizei atividades que desenvolvam equilíbrio, (como ficar em pé sobre uma bola e andar sobre objetos irregulares) e a locomoção, realizando atividades que aprimorem a estabilidade muscular.

Setembro/Outubro: Para esta unidade priorizei as relações sócio-afetivas e os aspectos cognitivos da criança, desenvolvendo atividades de percepção corporal fazendo que as crianças comesçassem a interagir de uma forma mais ampla com seus colegas.

Novembro/Dezembro: Para finalizar o período de atenção precoce, foi estimulado nos dois últimos meses a percepção espacial agregando todos os conteúdos abordados durante o ano.

Ao escrevermos um planejamento, devemos ter em mente que o mesmo não é algo concreto ou imutável, o planejamento serve como uma base do que pretendemos desenvolver e o que acreditamos ser importante para o desenvolvimento da criança, entretanto durante o processo de aplicação desse projeto pode ocorrer diversas mudanças ligadas a avaliação dos nossos alunos, dos materiais que possuímos ou do ambiente em que trabalhamos.

Em uma turma de berçário existem os planejamentos criados pelas professoras de sala e muitas vezes temos que auxiliar nesses projetos e desenvolver algumas atividades fora do que planejamos:

“Algumas vezes durante o estágio somos desafiados a sairmos do nosso planejamento, devido a projetos da creche e/ou atividades propostas pelas professoras. Foi o que ocorreu durante essa semana. As professoras estavam com um projeto de musicalização no berçário e me pediram para tocar alguns instrumentos que estimulassem a percepção auditiva dos bebês.” (DIÁRIO – Semana 1 do Mês de Setembro).

Outras vezes, o planejamento geral da creche acaba inviabilizando o momento de intervenção pedagógica no berçário. Foi o que ocorreu na 3ª. Semana de junho (Festa da Família), na 2ª. Semana de setembro (Semana Farroupilha) e em duas Semanas em Outubro (Semana da Criança). Nesses períodos, as atividades realizadas na escola ocupavam os momentos destinados à intervenção pedagógica no Berçário e eu não consegui realizar as atividades com os bebês.

No estudo de Moreira (2013), que aborda questões de planejamento e organização de ambiente para bebês em creches, o autor ressalta que muitas vezes o planejamento dos ambientes ocorre somente no início do ano, como se esses não se modificassem nas interações cotidianas e fossem iguais para todas as crianças. É essencial levarmos em conta as modificações do ambiente e espaços de intervenção, os planejamentos da creche e a resposta que o bebê está dando ao programa de estimulação. Sendo assim um planejamento para berçário deve ser flexível e se ajustar as necessidades de desenvolvimento do bebê.

4.2 A VINCULAÇÃO COM OS BEBÊS

Durante o mês de abril aconteceu a adaptação dos novos bebês. Esse processo é realizado de forma que 4 bebês novos entrem a cada semana, 2 na parte da manhã e 2 na parte da tarde, sempre dependendo se os bebês mais novos já se adaptaram ao ambiente da creche. Essa adaptação é iniciada com o bebê frequentando a creche 2 horas por dia e, à medida que os bebês sentem-se mais confortáveis é introduzida a alimentação (almoço ou janta). Os pontos de percepção e avaliação dessa adaptação é realizada acompanhando o comportamento geral do bebê (sono, interação com o ambiente e professoras, choro, alimentação, se permite a troca de fraldas entre outros fatores.).

Utilizei a primeira semana do mês de abril para analisar os comportamentos dos bebês, se já caminhavam, engatinhavam, se mantinham sentados com ou sem apoio, seguiam sons, como eram suas interações com os objetos e o ambiente, criando assim uma maior aproximação para as intervenções futuras e identificando as especificidades de cada bebê e quais eu deveria dar mais atenção .

Na medida em que novos bebês iam ingressando no Berçário, iniciava as intervenções com aqueles que já aceitavam a minha presença e, depois, procurava interagir com aqueles os que estavam em adaptação.

O período inicial é sempre difícil, principalmente no berçário, pois não sabemos como as crianças vão reagir a nossa presença. Durante minhas intervenções percebi que qualquer mudança na rotina dos bebês, seja a entrada de uma pessoa diferente, alguma atividade fora da sala que estão habituados, ou um dia fora da creche, já era motivo de estranhamento, muitas vezes expresso através do choro. O vínculo é uma das partes mais difíceis durante a intervenção, pois ganhar a confiança dos bebês é um processo longo e pode ser perdido de uma hora para outra, como por exemplo, um dia que o profissional não apareça para intervenção, pode dificultar o andamento da criação do vínculo.

Bonamigo et. al. (2001), afirmam que nas atividades socioafetivas é essencial proporcionar um contato contínuo e estreito da criança com a pessoa que se encarrega de suas rotinas e necessidades, iniciando o estabelecimento da confiança básica.

A observação realizada antes da intervenção é muito oportuna, principalmente para evitar a precipitação sobre a criança antes que ela tenha podido habituar-se a presença desse adulto, por vezes desconhecido. (HERREN E HERREN, 1986).

A observação e a avaliação prévia, antes do início da intervenção pedagógica, são ferramentas de grande auxílio para o período de adaptação, pois através delas analisamos o ambiente em que a criança se encontra, suas atitudes, sua rotina, seus hábitos, seu temperamento, a maneira como a professora de sala aborda a criança, entre outras informações que são de grande valia para a abordagem inicial do bebê, estabelecendo o primeiro contato.

A intervenção pedagógica no Berçário acaba sendo bem diferenciada e individualizada: com os bebês que consegui estabelecer o vínculo mais rapidamente, realizei, ainda no mês de abril atividades de visomotricidade (mostrando alguns brinquedos, fazendo com que o bebê se deslocasse até eles.), percepções auditivas (emitindo o sons de objetos, de modo que o bebê escute e vá de encontro a ele.) e táteis (atividades que façam com que o bebê explore diversos formatos e texturas de diferentes objetos.). E nos meses posteriores acabei sempre fazendo atividades diferenciadas estimulando-os conforme seu processo de desenvolvimento.

Ao final do mês de abril haviam 8 bebês no Berçário, sendo que eu conseguia interagir com 4 deles. Os outros 4 choravam quando eu me aproximava ou estavam dormindo no horário destinado à intervenção pedagógica. Esse foi um mês difícil, pois houve muitas ocorrências de gripe entre os bebês, o que ocasionava muitas ausências. Alguns se ausentaram por dois meses e o retorno à creche foi bastante difícil, com muito choro.

“ Othávio voltou a aula depois de 2 meses, chorou muito a aula inteira e não participou das atividades, pode até ser o vínculo que foi

perdido por causa do seu afastamento de dois meses.” (DIÁRIO da 4ª. Semana de setembro).

A partir do mês de junho haviam 14 bebês no Berçário, que continuavam frequentando a creche até o mês de novembro.

Além dos períodos já citados anteriormente, onde não foi realizada a intervenção pedagógica com os bebês devido à programação geral da escola, na 3ª. e 4ª. Semanas de julho houve o recesso obrigatório do Estágio. Todos esses períodos de interrupção da interação com os bebês dificulta a manutenção do vínculo. Porém, fiquei muito feliz ao perceber que, a partir de outubro, o vínculo com todos bebês foi estabelecido:

“Tenho percebido que durante as aulas meu vínculo com as crianças tem aumentado muito, quando entro na sala de aula muitos abrem sorrisos e vem me abraçar, acredito que já começam a compreender que é um momento diferente da rotina onde possam explorar outros materiais e ambientes que estão acostumados.” (DIÁRIO – Semana 1- Mês de Outubro)

“Mesmo com duas semanas sem aula, meu vínculo ao voltar para a turma continuou bom, os bebês me receberam bem e sem estranhamentos. Algumas crianças vieram me abraçar, outras me olhavam e sorriam para mim.” (DIÁRIO – Semana 1 – Mês de Novembro”

4.3 A COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

A comunicação corporal é um dos princípios fundamentais durante a estimulação precoce, pois a fase do berçário é caracterizada pela linguagem não verbal. Essa comunicação se manifesta através do choro, expressões faciais e principalmente de gestos motores, por ser a melhor forma que os bebês encontram para transmitir seus desejos e sentimentos. Como coloco em meus diários, “Os pontos de percepção e avaliação dessa adaptação é realizada acompanhando o comportamento geral do bebê (sono, interação com o ambiente e professoras, choro, alimentação, se permite a troca de fraldas entre outros fatores).” A comunicação não verbal é expressa através das atitudes diárias da criança, que são acompanhadas para avaliar o estado de adaptação à creche.

Segundo Herren e Herren (1986) é nesta idade que o bebê possui uma sociabilidade apta a manifestar-se, respondendo facilmente por sorrisos, sendo raro, que tenhamos dificuldades de relação nesta etapa, favorecendo a comunicação durante a estimulação. Contudo, mesmo que os bebês não utilizem uma linguagem verbal, é importante falarmos com eles durante a intervenção. É essencial para o desenvolvimento da criança que ela seja estimulada e cuidada de forma suave, com afeto, dando abraços, segurando-a pela mão, priorizando os contatos face a face, conversando com ela e traduzindo em palavras os significados do seu choro e manifestações corporais. (BONAMIGO et. al. 2001)

As crianças manifestam seus sentimentos através do choro, das risadas e expressões faciais e corporais. Durante as intervenções eu percebia claramente quando o bebê estava gostando ou não da atividade proposta pela sua resposta corporal.

Durante o período de adaptação, a expressão da face, bem como o virar do rosto para a direção contrária de onde eu estava não deixava dúvidas sobre a indisposição de um bebê em interagir comigo. Nessas situações, eu convidava outra criança para interagir.

Durante as intervenções realizadas, os sorrisos, as risadas, as palminhas, os abraços deixavam claro o entusiasmo e a alegria que o movimento e a exploração de novos materiais proporcionaram aos bebês.

4.4 DIÁLOGO COM AS FAMÍLIAS

Um aspecto muito importante na intervenção é o diálogo com as famílias, pois são a partir destes que compreendemos como é a rotina dos bebês fora da creche e em que ambiente estão habituados.

Segundo Herren e Herren (1986) as condições verificáveis de vida do casal parental são de grande interesse para compreender as relações mãe-filho, podendo oferecer ao bebê ansiedade e frieza se esta relação for insatisfatória. Ou seja, os pais passam para seus filhos suas emoções e sentimentos e esses influenciam diretamente na estimulação dos bebês.

Muitas vezes durante minhas intervenções com os bebês tive que procurar maiores informações com os pais por notar alguma diferença no desenvolvimento da criança.

“... a mãe relatou que ele utiliza andador, pois se sente mais segura para deixá-lo enquanto ela faz suas tarefas domésticas, afirmou também que ele ainda não engatinha e não se movimenta muito em casa sem o andador.”(DIÁRIO – Semana 1 – mês de Agosto).

Observei que outra criança costumava chorar quando queria algum brinquedo, resistia de engatinhar até ele e pegá-lo. As professoras da turma, que já conheciam a família da criança, me informaram que ela mora com a avó e esta e sua irmã superprotegem esse bebê. Foi necessária muita estimulação para que ele desenvolvesse a sua autonomia para pegar os brinquedos desejados.

Outro bebê me chamou a atenção pela sua atitude nas atividades que envolviam música: além dos sorrisos, interagiu com palmas e dança. Ao conversar com a família, descobri que o pai da criança é músico, portanto em casa esse bebê deve receber muitos estímulos através da música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este trabalho realizado na creche do hospital de clínicas pude perceber a importância da estimulação precoce no berçário, mesmo com as dificuldades de planejamento das atividades, vinculação com os bebês, comunicação e contato com os pais, vejo que é uma área essencial para o crescimento adequado das crianças, garantindo a exploração do ambiente, realização de tarefas e interações sociais.

Durante todo o ano de intervenção percebi evoluções em habilidades básicas como, a marcha, o engatinhar, o levantar-se sozinho, sentar sem apoio, além do progresso na realização de determinadas tarefas do dia-a-dia, como guardar os materiais no devido lugar, almoçar a mesa segurando os próprios talheres, subir as

escadas do trocador, pedir o que deseja sem chorar, entre outras atividades que demonstram a evolução cognitiva e comportamental. Provavelmente a estimulação não seja a única responsável pelo ganho dessas habilidades e sim o processo natural do crescimento, entretanto é essa atenção precoce que, com certeza, proporciona qualidade e a esse desenvolvimento.

Através de todo esse trabalho aprendi a lidar também com as limitações que as turmas de berçário possuem, entendi que o andamento da aula depende muito do comportamento da criança, da tarefa imposta e do ambiente propiciado, aprendendi a lidar com os fatores de dificuldades que aparecem em todas as aulas como a comunicação, a linguagem corporal, o choro, procurando entender o que o bebê desejava em determinadas horas.

Acompanhar o processo de aprendizagem dos bebês e ver o seu envolvimento em cada aula, recompensa todo o trabalho desenvolvido, dando motivação para pensar em novas atividades que possam contribuir ainda mais com o crescimento da criança.

Seria de suma importância os estagiários obrigatórios do curso de licenciatura em educação física perpassar por esses desafios e aprendizagens na docência em uma turma de berçário, para compreender o que é a estimulação precoce e qual sua importância na qualidade do desenvolvimento infantil, pois é mais uma área de atuação em nosso campo profissional, que podemos nos deparar sem ter vivenciado da forma correta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. D. Intervenção motora: efeitos no comportamento do bebê no terceiro trimestre de vida em creches de Porto Alegre. 2004.

ALMEIDA, C. S. D.; VALENTINI, N. C. Integração de informação e reativação da memória: impacto positivo de uma intervenção cognitivo-motora em bebês. **Revista Paulista de Pediatria. São Paulo: Medpress, 2010. Vol. 28, n. 1 (2010), p. 15-22.**, 2010. ISSN 0103-0582.

ALMEIDA, C. S.; VALENTINI, N. C. Contexto dos berçários e um programa de intervenção no desenvolvimento de bebês. **Motricidade**, v. 9, n. 4, p. 22-32, 2013. ISSN 1646-107X.

ALMEIDA, T. G. et al. Comparações entre o desempenho motor e oportunidades de estimulação motora no ambiente domiciliar de lactentes residentes nas regiões Sudeste e Norte do Brasil. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 142-147, 2015. ISSN 1809-2950.

ANZANELLO, J. Oportunidades de estimulação, desenvolvimento motor e desenvolvimento social de crianças no primeiro ano de vida em diferentes contextos. 2010.

BARDID, F. et al. The effectiveness of a fundamental motor skill intervention in pre-schoolers with motor problems depends on gender but not environmental context. **Research in developmental disabilities**, v. 34, n. 12, p. 4571-4581, 2013. ISSN 0891-4222.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BOCACCIO, L. B. D. O. Estimulação da criança de zero a três anos: manual de orientação para pais e cuidadores. 2013a. .

BONAMIGO, E. M. D. R. et al. Como ajudar a criança no seu desenvolvimento: sugestões de atividades para a faixa de 0 a 5 anos. **Porto Alegre: UFRGS**, 2001.

CAÇOLA, P. M. et al. Limitations of the Neurological Evolutional Exam (ENE) as a motor assessment for first graders. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 14, n. 5, p. 372-376, 2010. ISSN 1413-3555.

DA SILVA, G. K.; DE ALCÂNTARA CINTRA, T. T.; PINHEIRO, M. D. C. M. BEBÊS EM MOVIMENTO: ESTÁGIO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 1, 2012. ISSN 2175-3962.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**. 3ª edição. São Paulo. Phorte, 2005.

HERREN, H.; HERREN, M. **Estimulação precoce**: Porto Alegre: Artes Médicas 1989.

LÉVY, Janine. **O despertar do bebê: práticas da educação psicomotora**. Trad. Estela Santos de Abreu. 3ª Ed. - São Paulo: Martins Fontes 1982.

LOPES, A. M. Avaliação e intervenção de bebês em instituição de acolhimento infantil. 2013.

LUCCI, T. K.; OTTA, E. Postpartum depression and child development in first year of life. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 30, n. 1, p. 7-17, 2013a. ISSN 0103-166X.

MEREGE FILHO, C. A. A. et al. Influência do exercício físico na cognição: uma atualização sobre mecanismos fisiológicos. **Rev. bras. med. esporte**, v. 20, n. 3, p. 237-241, 2014. ISSN 1517-8692.

NOBRE, F. S. S. et al. Análise das oportunidades para o desenvolvimento motor (affordances) em ambientes domésticos no Ceará-Brasil. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 19, n. 1, p. 9-18, 2009. ISSN 0104-1282.

OLIVEIRA, S. M. S. D.; ALMEIDA, C. S. D.; VALENTINI, N. C. Programa de fisioterapia aplicado no desenvolvimento motor de bebês saudáveis em ambiente familiar. **Rev Educ Fís UEM**, v. 23, n. 1, p. 25-35, 2012.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Artmed Editora, 2013.

PAYNE, V. Gregory; ISAACS, Larry D. **Human motor development: A lifespan approach**. McGraw-Hill, 2012.

PINHEIRO, M. Fundamentos de neuropsicologia—o desenvolvimento cerebral da criança. **Vita e Sanitas**, v. 1, n. 1, p. 34-48, 2007.

POGETTI, L. S. et al. Visibilidade dos braços afeta a preferência manual em bebês. **Motriz**, v. 19, n. 1, p. 160-170, 2013.

RITTER, A. S.; GRAVE, M. T. Q. ESTIMULAÇÃO psicomotora E EDUCAÇÃO FÍSICA PARA BEBÊS NA PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE UM MUNICÍPIO DO VALE DO TAQUARI. **Destaques Acadêmicos**, v. 6, n. 3, 2014. ISSN 2176-3070.

ROSSETTO, B. C. et al. AVALIAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO MOTOR DE BEBÊS QUE FREQUENTAM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL. **Salão do Conhecimento**, v. 1, n. 1, 2015. ISSN 2318-2385.

RUSSELL, D. C. et al. Prone positioning and motor development in the first 6 weeks of life. **South African Journal of Occupational Therapy**, v. 39, n. 1, p. 11-14, 2009a. ISSN 2310-3833.

SACCANI, R.; VALENTINI, N. C. Análise do desenvolvimento motor de crianças de zero a 18 meses de idade: representatividade dos itens da Alberta Infant Motor

Scale por faixa etária e postura. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 20, n. 3, p. 711-722, 2010. ISSN 0104-1282.

SACCANI, R.; VALENTINI, N. C. Análise do desenvolvimento motor de crianças de zero a 18 meses de idade: representatividade dos ítems da Alberta Infant Motor Scale por faixa etária e postura. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 20, n. 3, p. 711-722, 2010. ISSN 0104-1282.

SARTORI, N.; SACCANI, R.; VALENTINI, N. C. Comparação do desenvolvimento motor de lactentes de mães adolescentes e adultas. **Fisioterapia e Pesquisa**, v. 17, n. 4, p. 306-311, 2010. ISSN 2316-9117.

SCHLITTLER, D. X. C. et al. Efeito da intervenção em esteira motorizada na aquisição da marcha independente e desenvolvimento motor em bebês de risco para atraso desenvolvimental. **Revista Paulista de Pediatria**, p. 91-99, 2011. ISSN 0103-0582.

SEIDL-DE-MOURA, M. L. et al. Interações mãe-bebê de um e cinco meses: Aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 1, p. 66-73, 2008. ISSN 0102-7972.

SOEJIMA, C. S.; BOLSANELLO, M. A. Programa de intervenção e atenção precoce com bebês na educação infantil. **Educar em Revista**, n. 43, 2012. ISSN 0104-4060.

VAIVRE-DOURET, L.; BURNOD, Y. Development of a global motor rating scale for young children (0–4 years) including eye–hand grip coordination. **Child: care, health and development**, v. 27, n. 6, p. 515-534, 2001. ISSN 1365-2214.

VAN HAASTERT, I. et al. Early gross motor development of preterm infants according to the Alberta Infant Motor Scale. **The Journal of pediatrics**, v. 149, n. 5, p. 617-622, 2006. ISSN 0022-3476.

WILLRICH, A.; AZEVEDO, C. C. F. D.; FERNANDES, J. O. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção. **Rev Neurocienc**, v. 17, n. 1, p. 51-6, 2009.

ANEXOS

DIÁRIOS SEMANAIS BERÇÁRIO

ABRIL

Semana 1 :

Semana de adaptação dos novos bebês, esse processo é realizado de forma que 4 bebês novos entrem a cada semana, 2 na parte da manhã e 2 na parte da tarde, sempre dependendo se os bebês mais novos já se adaptaram ao ambiente da creche. Essa adaptação é iniciada com o bebê frequentando a creche 2 horas por dia e a medida que os bebês sentem-se mais confortáveis é introduzida a alimentação (almoço ou janta). Os pontos de percepção e avaliação dessa adaptação é realizada acompanhando o comportamento geral do bebê (sono, interação com o ambiente e professoras, choro, alimentação, se permite a troca de fraldas entre outros fatores.).

Utilizei essa semana para analisar os comportamentos dos bebês, se já caminhavam, engatinhavam, se mantinham sentados com ou sem apoio, seguiam sons, como eram suas interações com os objetos e o ambiente, criando assim uma maior aproximação para as intervenções futuras e identificando as especificidades de cada bebê e quais eu deveria dar mais atenção . Dentre os quatro, pude identificar 2 alunos, Alice e Othávio, com principio de atrasos motores, relacionando seus comportamentos com a tabela de habilidades motoras e idade proposta por Gallahue e Ozmuz, 2003. Os dois com 8 meses ainda possuíam dificuldades de se manter sentados sem apoio e não conseguiam engatinhar.

Semana 2 :

Entra mais um bebê, Arthur, com 9 meses, ele já engatinha, ja se mantem sentado sem apoio e fica em pé com apoio, se adaptou muito bem, interagindo bem com outros bebês e com os professores. Quanto a intervenção, utilizei mais atividades de visomotricidade (mostrando algum brinquedo e fazendo com que o bebê se deslocasse até ele.), percepções auditivas (Emitindo o sons de objetos, de modo que o bebê escute e vá de encontro a ele.) e táteis (atividades que façam com que o bebê explore diversos formatos e texturas de diferentes objetos.), criando assim, um vínculo maior com os bebês. Alice e Arthur participaram de todas as tarefas das intervenções propostas. Já Victor, Othávio e Edgar, este ainda em adaptação, não

se sentiram confortáveis com as atividades, pois choravam muito nos momentos em que eu tentava me aproximar.

Semana 3:

Continuo com atividades sensório motoras como forma de adaptação e desenvolvimento das percepções, Murilo começa sua adaptação na turma, ainda estranha o ambiente e sente a falta da mãe, pois chorou boa parte do tempo de aula, por esses fatores não consegui pegá-lo nenhuma vez para realizar a intervenção. Othávio estava dormindo na primeira parte da aula, quando acordou chorava muito e também não realizou a intervenção. Na segunda aula da semana iniciei algumas intervenções posturais com os bebês mais adaptados como Gabriel e Arthur, com atividades como, passar sobre o rolo e se equilibrar em cima da bola, participaram bem, sem choro e envolvidos com os materiais.

Semana 4:

Cecília junta-se ao grupo, formando um turma de 7 ao total. Consigo criar os primeiros contatos com Edgar e Othávio através de atividades perceptivas. Ainda vejo uma dificuldade na aluna Alice em engatinhar, chora quando não alcança os brinquedos que deseja ao invés de ir ao encontro deles, em conversa com as professoras foi relatado que a mesma é cuidada pela vó e irmã que muitas vezes fazem todas as suas vontades.

MAIO

Semana 1:

Alice apresentou algumas evoluções em relação a postura, já se mantém sentada sozinha e se desloca para pegar objetos. Tive bastante dificuldades com a intervenção durante a semana, pois os bebês se mostraram bem indispostos por um surto de gripe. Choravam bastante para fazer as atividades e alguns as professoras pediam pra nem serem tirados do carrinho.

Semana 2:

Realizei nessa semana atividades de percepção sensorial com alunos que não se sentiam confiantes para explorar os materiais, como rolos e bolas, Edgar e Victor se mostram mais favoráveis a receber estímulos, não choraram tanto com a minha presença. Consegui estabelecer com os dois um vínculo maior facilitando na intervenção. Alice não compareceu nesta semana.

Semana 3:

Poucos bebês compareceram durante a semana, tendo como motivo a indisposição de alguns por gripe, ou folga dos pais. No começo da semana dei um enfoque especial para Alice, porém ainda pede muito colo e não vai de encontro aos objetos que deseja. Brenda se mostrou bastante ativa durante a semana, fazendo algumas atividades como passar sobre o rolo de modo independente. Nesta semana comecei a intervenção com Benjamin, aluno novo e prematuro, percebi alguns atrasos em relação a postura, possui 8 meses e ainda não consegue se manter sentado sem apoio, entretanto se mostrou bem ativo as intervenções, não chorou e realizou todas as atividades proposta, de passar sobre o rolo, andar sobre o colchonete e equilibrar-se sentado sobre a bola.

Semana 4:

Mais uma semana com poucos alunos devido ao feriado e sintomas de bronquiólite. Por esses fatores a intervenção da semana foi realizada apenas com dois alunos Arthur e Alice. Arthur já se mostra bastante independente e desenvolveu muito bem o engatinhar e já se mantém bem sentado. Primeira semana que vejo a Alice engatinhando de fato indo atrás de algum objeto, entretanto necessitando ainda de muitos estímulos.

JUNHO

Semana 1 :

Inicia-se o mês com 14 bebês frequentando as aulas na parte da tarde. Conforme o planejamento, iniciei a estimulação das habilidades locomotoras (caminhar, engatinhar), levei para a aula materiais diferentes do que as crianças estavam habituadas, como: túnel, colchonetes, uma grade de madeira permitindo os bebês experimentarem diferentes texturas durante a marcha e rolos. Importante ressaltar que alguns bebês ainda não conseguem se manter de pé, apresentando um leve atraso no desenvolvimento, por isso tive que selecionar as intervenções propostas para a necessidade de cada bebê.

Os bebês mais avançados conseguiram sozinhos, explorar mais os espaços e os diversos materiais novos, fazendo com que eu pudesse dar uma maior atenção para os bebês com mais dificuldade. Benjamin participou de todas as intervenções, entretanto se mostra ainda com muitos atrasos no controle motor.

Semana 2:

9 bebês compareceram durante a semana, entretanto a intervenção de fato, foi realizada apenas com 5 crianças que se encontravam mais dispostas para a intervenção, as outras ou estavam dormindo ou eu não consegui interagir, pois choravam muito como foi o caso de Cecília e Larissa. Alice e Gabriel já apresentam um grande desenvolvimento nas habilidades de locomoção, Alice já começou a caminhar e Gabriel está começando, já consegue equilibrar-se de pé. Benjamin ainda com muitos atrasos com relação a postura, não consegue sentar sem apoio, tem dificuldade de virar-se quando está deitado, e ainda não se mantém de pé com apoio, no entanto participa bastante das intervenções.

Semana 3

Sem intervenção essa semana por parte do desenvolvimento da festa da família na creche.

Semana 4:

Presentes 8 alunos na primeira aula da semana, apenas Marco Antônio não interagiu pois chorou muito durante todo o período da aula, não consegui acalmá-lo de nenhuma forma para realizar a intervenção. As atividades propostas tinham o objetivo de aprimorar as habilidades locomotoras dos bebês, tanto de engatinha quanto caminhar ou realizar a marcha, para isso usei materiais como colchonete, estrado de madeira e bambolês, de modo que os bebês pudessem explorar a caminhar ou engatinhar em diferentes texturas.

Tive dificuldades em relação ao Edgar que apresentou uma certa resistência quando chamei para a intervenção, chorava muito, no entanto após um tempo de insistência brincou um pouco no colchonete. Edgar ainda apresenta bastante

dificuldades de locomoção, não engatinha, e se mantém sentado sem apoio com muito desequilíbrio, por isso demandei mais atenção para ele.

Os outros bebês, Arthur, Gabriel, Brenda, Victor, Alice e Murilo, interagiram muito bem comigo enquanto eu dava atenção e também interagiram sozinhos com os materiais da intervenção.

JULHO

Semana 1:

A primeira aula da semana sofreu com a falta de alunos por conta de uma alergia “Mão-pé-boca” que afetou 6 bebês, fazendo com que eles não comparecessem na creche. A intervenção se deu apenas com um aluno e por um curto tempo de 15 minutos, pois estava dormindo no horário de início da aula. Nesse curto tempo estimei o Arthur utilizando atividades de caminhar sobre o rolo, equilibrar-se de pé no colchonete equilibrar-se de pé na bola. Arthur ainda não caminha e não se sente confortável em pé, pois várias vezes que eu tentava incentivá-lo a caminhar junto comigo ele se sentava e engatinhava.

Na segunda aula da semana levei colchonetes, pneus e rolos, fizemos a aula no solário de forma que os bebês pudessem explorar diferentes locais para a locomoção. Os únicos bebês que não interagiram foram o Vinícius, aluno em adaptação, que chorou grande parte da aula e Larissa, que ainda não consegui estabelecer um contato, pois ainda quando chego perto ela chora. Me surpreendi com Cecília que interagiu sozinha com os materiais, sendo a primeira aula que ela se soltou mais das professoras e aceitou a estimulação. Victor, Murilo e Arthur, interagiram muito bem na aula brincando e experimentando os materiais levados.

Semana 2:

Nesta segunda semana dei continuidade as atividades de locomoção, visto que alunos como Arthur e Gabriel, ainda apresentam bastante dificuldade em manter o equilíbrio e ficarem de pé sem apoio. Além dos pneus, rolos e tábuas que foram utilizados durante a aula, adicionei também a exploração de um pequeno escorregador, pois fiquei sabendo durante a semana que Victor tinha subido no mesmo sozinho e desceu deitado, batendo sua cabeça no chão. Com isso resolvi introduzir o escorregador por ser um brinquedo presente no solário, por estimular a habilidade de subir degraus, podendo assim ensinar o modo correto e mais seguro para os bebês descerem. Victor, Alice, Arthur e Gabriel gostaram muito da atividade, querendo repeti-la toda hora. Cecilia já está adaptada comigo, hoje me abraçou logo que entrei na sala, mas ainda me rejeita um pouco quando tento pegá-la para realizar a estimulação, prefere ainda explorar os materiais sozinha. Marco Antônio estava choroso e sonolento, não participando da intervenção. Larissa não chorou hoje com a minha presença, mas demonstra resistência ainda em realizar as atividades, pois chora quando tento chamá-la.

Semana 3 e 4:

*Não houveram intervenções, devido ao recesso obrigatório do estágio. Experiência importante para percebemos o que acontece com o vínculo criado com os bebês após um tempo de distanciamento.

AGOSTO

Semana 1:

Utilizei essa primeira semana como observação, para analisar como estavam o desenvolvimento dos bebês após 3 semana sem intervenção e como reagiram a minha presença após esse tempo de intervalo. Gabriel e Alicy avançaram na marcha, já caminham sem apoio, Victor está muito bem no seu desenvolvimento caminhando, subindo escadas e se equilibrando muito bem em plataformas irregulares como colchonete. Murilo, Brenda, Marco Antônio e Benjamin ainda apresentam dificuldades em caminhar sem apoio, mas já engatinham, rolam e rastejam. Edgar é o aluno que apresentam mais atraso com já possui 1 ano e ainda não caminha, não engatinha, tem dificuldades pra alcançar objetos e chora bastante quando tentamos movimentá-lo. Percebendo esse atraso de desenvolvimento do Edgar, enviei um bilhete a mãe dele, perguntando como era a rotina do Edgar, se em casa ele se movimentava mais, se utilizava andador, durante quanto tempo em média ficava no chão brincando com objetos, e etc. Como resposta a mãe relatou que ele utiliza andador, pois se sente mais segura para deixá-lo enquanto ela faz suas tarefas domésticas, afirmou também que ele ainda não engatinha e não se movimenta muito em casa sem o andador. Após isso conversei com as professoras e acreditamos que pelo uso do andadores Edgar tenha atrasado bastante seu desenvolvimento.

Semana 2:

Aula focada nas habilidades de locomoção, como engatinhar, rolar e caminhar, utilizei a aula também para ver como os bebês iriam reagir aos materiais e a intervenção após a pausa de 2 semanas. Victor, Gabriel, Arthur e Alice interagiram com materias (pneus, colchonetes, rolos e escorregador.) de modo independente. Já os alunos Murilo, Marco Antônio, Benjamim e Edgar precisaram de uma atenção maior, pois não exploravam sozinhos o material disposto pela sala.

Semana 3:

Aula com estimulação das habilidades de locomoção, utilizei uma rampa de colchonetes, pneus e rolos. Benjamin está muito bem explorando os materiais sozinho, já engatinha e fica de pé com apoio, Brenda e Arthur ainda possuem dificuldades para caminhar sozinhos mas exploram bem o ambiente interagindo com diversos materiais. Na semana que eu daria uma atenção maior para o aluno Edgar ele entra de férias, ficando de fora das intervenções. Durante a semana criei um vínculo com um dos alunos novos, Vínicius, como possui... meses utilizei com ele atividades de equilíbrio postural, ficando de pé sobre superfícies irregulares, se equilibrando sobre a bola tanto de pé quanto sentado e deitado, além de percepção auditiva e visual onde eu fazia um barulho com algum objeto e ele acompanhava ou ia de encontro ao mesmo.

Algo importante que posso salientar nessa semana é que mesmo com um projeto bem planejado é necessário percebemos o nível de desenvolvimento em que a criança se encontra, pois muitas vezes tive que dar atividades que retrocederam o planejamento, mas que acredito serem essenciais para os bebês mais novos, que ainda nem engatinham por exemplo, sendo atividades onde alcanço um maior vínculo, por estar me comunicando melhor com a criança e respeitando o seu limite.

Semana 4:

Aula voltada para habilidades locomotoras, utilizei arcos e bastões, onde os bebês ao invés de segurar na minha mão para caminhar, agarravam o arco ou bastão necessitando assim de mais equilíbrio para se locomoverem. Coloquei algumas cadeiras pequenas pela sala que forçava os bebês fazerem o senta e levanta sem apoio fortalecendo a musculatura dos membros inferiores, foi uma atividade que me surpreendeu bastante, pois apenas deixei as cadeiras dispostas pela sala os alunos mais adiantados em suas habilidades como Arthur, Vitor, Brenda e Gabriel exploravam sozinhos. Como último recurso da aula utilizei uma escada voltada para a parede, obrigando os bebês a subirem e descerem, foi uma atividade muito boa, pois despertou o interesse até mesmo dos bebês que ainda não ficam de pé sem apoio, como é o caso do Marco Antônio. Esse interesse pode estar

relacionado a questão da habituação da criança com novos estímulos, tendo a necessidade de explorá-lo ao máximo, visto que foi a primeira vez que levei a escada para sala.

SETEMBRO

Semana 1

Algumas vezes durante o estágio somos desafiados a sairmos do nosso planejamento, devido a projetos da creche e\ou atividades propostas pelas professoras. Foi o que ocorreu durante essa semana. As professoras estavam com um projeto de musicalização no berçário e me pediram para tocar alguns instrumentos que estimulassem a percepção auditiva dos bebês. Toquei violão e cavaquinho enquanto as crianças exploraram alguns outros instrumentos que estavam dispostos pela sala como tambor, pandeiro, chocalhos, violões de brinquedo, entre outros. Foi uma experiência interessante, pois alunos como Vitor e Arthur, e até mesmo o Edgar que dificilmente participa de forma independente das atividades, estavam muito atentos nas músicas que eu tocava e interagiam dançando, batendo palmas ou falando. Percebi que o Victor possui uma boa percepção auditiva, pois se destacou na aula explorando instrumentos e dançando, as professoras dele me relataram que o pai dele é músico, sendo um grande indício de que seus pais desenvolvam atividades de estimulação em casa, dando a ele um repertório de habilidades mais amplo.

Semana 2

Semana que tive a necessidade de alterar mais uma vez o plano pelo fato da creche estar com um projeto da semana farroupilha, tendo diversas atrações musicais durante a semana. Como algumas atrações iam de encontro ao horário das

minhas aulas utilizei a música novamente como plano de aula e observando o comportamento dos bebês durante essa estimulação sonora em que eram expostos. As atividades em que eles se envolveram ocorreram no salão da creche e consistia em apresentações de músicos, com instrumentos como bateria, violão, chocalho e gaita. Percebi que alguns alunos mantiveram total atenção durante as apresentações os bebês como Victor, Alicy, Arthur e Gabriel interagiram batendo palmas, falando e dançando. Importante ressaltar que durante as apresentações durante a semana os pais estavam junto com seus filhos, podendo dar mais confiança aos bebês de estarem em um ambiente cheio e diferente.

Semana 3

Semana voltada para o desenvolvimento da marcha e equilíbrio postural. Utilizei materiais como escada, tábuas de propriocepção, arcos e cadeiras pequenas para sentar e levantar. As aulas tem melhorado muito, todos os bebês participaram interagindo com os materiais, o que mais me surpreendeu foi o Edgar que não chora mais na hora da sua intervenção e já consegue fazer a marcha com apoio, ainda não engatinha mas começou a rastejar, um grande avanço motor e comportamental.

Semana 4

Iniciei com os bebês algumas atividades de percepção corporal, utilizando materiais como arcos, argolas pequenas, bolas e colchonetes. Tentei durante a aula deixar os bebês interagirem mais com os materiais dando liberdade para experimentarem movimentos diferentes. Coloquei argolas em mãos pés, dando a eles um desafio de se livrar das argola e ao mesmo tempo dando opções de movimentos com pernas e braços. Othávio voltou a aula depois de 2 meses, chorou muito a aula inteira e não participou das atividades, pode até ser o vínculo que eu perdi por causa do seu afastamento de dois meses.

OUTUBRO

Semana 1

Dei continuidade ao planejamento dando atividades de percepção corporal, entretanto é um tema bem difícil de ser encontrado na literatura, pois a linguagem não verbal dos bebês dificulta a direção de atividades, sendo assim, utilizei a exploração de movimentos e materiais como forma de alcançar meus objetivos. Essa proposta deu certo, pois percebi que os bebês exploraram bastantes os elementos, como argolas pequenas, bolas de meia, bolas de lã, fitas, entre outros. Arthur, Victor, Alicy, Cecília.

Semana 2:

Tenho percebido que durante as aulas meu vínculo com as crianças tem aumentado muito, quando entro na sala de aula muitos abrem sorrisos e vem me abraçar, acredito que já começam a compreender que é um momento diferente da rotina onde possam explorar outros materiais e ambientes que estão acostumados.

Semana 3 e 4:

Essas duas semanas foram utilizadas para desenvolvimento do projeto Mês da criança, onde os estagiários da Creche do HCPA faziam apresentações para as crianças.

NOVEMBRO

Semana 1:

Mesmo com duas semanas sem aula, meu vínculo ao voltar para a turma continuou bom, os bebês me receberam bem e sem estranhamentos. Comecei esse

mês dando atenção para a marcha e focando em alunos que pareciam estar mais atrasados no desenvolvimento como Vinícius e Edgar, que com 1 ano e 3 meses ainda não engatinham. Fiz atividades simulando o subir degraus e sentar e levantar da cadeira, visto que alguns já começaram a realizar as refeições diárias sentados a mesa.

Semana 2:

Levei diversos materiais para que os bebês pudessem explorar livremente fazendo com que eu conseguisse dar mais atenção ao Vinícius e Edgar. Realizei com os dois atividades de equilibrar-se sobre a bola e passar sobre os rolos e engatinha, dando prioridade a exercícios que fortalecessem os membros inferiores e superiores, procurando sempre utilizar estímulos como brinquedos e bolas para que o bebê não perca a atenção durante a atividade.

-